

“Escolas que o governo não conseguiu piorar”

por Elizabeth Rosa
de Belo Horizonte

O ensino público no Brasil é invariavelmente alvo de muitas críticas. “Mas as escolas técnicas são uma tradição que se manteve e o governo não conseguiu piorar”, defende o presidente da Samarco Mineração, de Minas Gerais, Riuti Kanadani. Entre seus 1,7 mil funcionários, o executivo tem hoje cerca de trezentos técnicos e reclama da carência de profissionais formados nessas escolas.

“A deficiência é nacional, mas muito gritante em Minas. Durante alguns anos ainda vamos sobreviver com a improvisação em áreas como a eletrônica avançada e a automação”, revela. De acordo com Kanadani, um dos motivadores desse problema é que muitos profissionais de nível técnico acreditam que num curso superior terão maior oportunidade de trabalho e vão direto para as universidades. E ele garante que essa é uma falsa verdade. “É mais fácil um técnico entrar na Samarco do que um engenheiro”, diz.

O executivo faz questão de ressaltar que existe uma nítida diferença entre as escolas técnicas públicas e as particulares. No caso das últimas, avalia ele, pode-se contar nos dedos as que são realmente boas. Kanadani acredita que o próprio aluno crie esse diferencial. “Quem vai

para as instituições públicas geralmente vem de classes financeiramente mais humildes e tem motivação maior para vencer. Mas é preciso lembrar sempre que grande parte da qualidade dessas escolas se deve ao fato de elas terem um acervo técnico construído em outra época e mantido, muitas vezes, graças ao trabalho individual de diretores.”

A chefe do Departamento de Desenvolvimento da Samarco, Dayse Fonseca Carnaval Ferreira, também é da opinião de que não há grandes críticas a se fazer às escolas de formação técnica. Na verdade, ela informa que, muitas vezes, as empresas encontram dificuldades exatamente por causa do pequeno número de instituições em determinadas áreas. “Não temos em Minas Gerais nenhuma escola que forme em nível técnico profissionais de nutrição; necessários em praticamente todas as empresas de mineração, que fornecem alimentação a seus funcionários. Como a demanda é muito grande em todo o País, fica difícil contratar nutricionistas formados em outros estados”, diz.

Kanadani, por sua vez, cita o Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel) como uma das grandes escolas de nível superior na formação de profissionais para a indústria. No seu caso específico, ele conta que é quase impossível contratar um engenheiro formado na escola de Santa

Rita do Sapucaí. “As grandes empresas de eletrônica e informática são muito mais agressivas no sentido de absorver essa mão-de-obra que as de mineração, pois oferecem maiores perspectivas de carreira. Além disso, os engenheiros do Inatel são muito disputados pelas empresas de São Paulo ou, logo após a formatura, abrem seu próprio negócio.”

Quanto à evasão de alunos das escolas técnicas logo após o recebimento do certificado de conclusão do segundo grau — no Centro Federal de Ensino Tecnológico (Cefet), de Belo Horizonte, o percentual é de 70% — Kanadani garante que o problema não é decorrente da falta de um plano de carreira e de defasagem salarial. “É preciso criar no Brasil a consciência de que precisamos de mais técnicos e um curso superior nem sempre é sinônimo de ascensão. O grande problema é que o profissional costuma ser muito imediatista.”

Tanto o presidente quanto a chefe do departamento de pessoal da Samarco ressaltam a boa qualidade dos cursos profissionalizantes ministrados pelo Serviço Nacional da Indústria (Senai), por eles considerado como “um exemplo de formação de mão-de-obra”. Eles informam que esses profissionais são “disputadíssimos”, pois geralmente chegam ao mercado “muito bem preparados”. “É muito importante qualificar essa mão-de-obra que não tem acesso ao 2º grau”, afirma.

Conhecido nos meios empresariais mineiros pelas severas críticas que costuma fazer ao governo, principalmente no campo econômico, Kanadani não deixa de apontar as dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas técnicas e profissionalizantes. “Há muita carência de recursos para reposição de equipamentos, aparelhamento de bibliotecas e aprimoramento de professores em cursos no exterior.” Mas, lembrando sua fama de ser um crítico incansável da situação vivida pelo Brasil, ele mesmo brinca que pelo menos dessa vez não vão ouvi-lo falar bem do País. “Se há algo que deve ser preservado aqui são essas escolas. Os profissionais são tão qualificados que Minas comportaria pelo menos mais duas instituições como o Cefet.”